

## **O TEMPO DO DOUTORADO E O PAPEL DAS TIC: QUESTÕES PARA PESQUISA E ANÁLISE**

Luiza **Turnes** – UFSC

Rafael da Cunha **Lara** – UFSC

Lucídio **Bianchetti** – UFSC

### **Resumo**

A implementação e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na esfera do mundo do trabalho e da educação têm acarretado mudanças significativas nos cenários e estruturas sociais contemporâneos. Na pós-graduação (PG) essas mudanças atingiram todos os envolvidos no que diz respeito à produção e veiculação do conhecimento e ao redimensionamento espaço-temporal. Neste artigo, decorrente de uma pesquisa de mestrado, por meio de entrevistas com doutorandos em Educação e à luz da análise de conteúdo, evidenciamos como esses pós-graduandos relacionam a categoria tempo com o uso das TIC para fazer frente ao desafio do processo do doutorado no contexto atual. Identificamos que os doutorandos estão adaptando-se à lógica produtivista, embora muitas vezes sentindo-se paralisados frente às exigências impostas pelos órgãos de avaliação e fomento. Paralelamente afirmam encontrar nas TIC um importante aliado para a consecução do doutoramento, perpassado pela lógica produtivista e de intensificação do tempo. Finalmente, questionamos a possibilidade de resgate da perspectiva omnilateral nesse processo formativo de futuros doutores.

**Palavras-chave:** Doutorado; TIC; Tempo; Trabalho e Educação.

## **O TEMPO DO DOUTORADO E O PAPEL DAS TIC: QUESTÕES PARA PESQUISA E ANÁLISE**

### **1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA**

O presente artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida entre 2013 e 2014, com doutorandos de um Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), objetivando mapear os usos das TIC no processo de doutorado e relacionar esses usos com o tempo

para a conclusão do Curso – quatro anos, no caso – em um contexto de intensificação do tempo e de uma lógica produtivista imposta pelas agências de fomento e regulação da PG<sup>1</sup>.

Partimos do pressuposto que a introdução das TIC nos processos de trabalho e pesquisa provoca um redimensionamento das categorias espaço-tempo no processo de produção da vida social. E se, por um lado, o desenvolvimento das forças produtivas traz a possibilidade de diminuição do trabalho vivo, na forma capitalista as transformações tecnológicas têm repercutindo de diferentes formas nos processos de trabalho, conduzindo a uma intensificação do tempo e ampliação do número de tarefas (BIANCHETTI, 2008). Nesse sentido, em vez de proporcionar mais tempo livre, o alto nível de desenvolvimento tecnológico acabou garantindo o aumento incessante da produtividade (HARVEY, 2012), com consequências nem sempre positivas na vida/trabalho dos envolvidos com esses processos produtivos.

Sendo a progressiva inserção tecnológica nos processos de trabalho e pesquisa inerente ao capital, percebemos que essa mesma lógica produtivista se estende também à produção acadêmica na PG, regulada por uma lógica neoliberal induzida pelas políticas de avaliação e fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desde meados da década de 1990. Como decorrência, para os envolvidos com a PG, temos presenciado a emergência de fenômenos como a intensificação do trabalho acadêmico e o mal-estar na universidade, como se pode observar, entre outros, em Sguissardi e Silva Jr (2009) e Trein e Rodrigues (2011).

Neste contexto, paradoxalmente as TIC transformam-se em meios de ampliação da produtividade e de expropriadores do tempo de descanso, lazer e fruição, tão necessário ao equilíbrio físico e emocional dos pesquisadores, paralelamente a um tempo mais curto e mais intenso para desenvolver e concluir o doutorado. Além disso, no contexto do *aligeiramento* da formação, da indução ao cumprimento de prazos e ao produtivismo, tais questões nos fazem refletir sobre o uso das TIC na PG como um elemento que pode potencializar a pressão que é exercida sobre os orientadores e orientandos, concomitantemente a inegáveis vantagens que esses meios podem proporcionar.

---

<sup>1</sup> Na análise da condição de vida/trabalho dos doutorandos entrevistados, deparamo-nos com questões muito próximas ou idênticas àquelas analisadas por Antunes e Braga (2009) e outros, ao focarem as condições de trabalho, na virtualidade, dos denominados “infoproletários”.

Tendo essas questões de fundo, por meio de entrevistas realizadas com 16 doutorandos de uma universidade pública do sul do Brasil e com base na metodologia da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), organizamos os dados que emergiram dessas entrevistas em diferentes categorias de análise, agrupadas em blocos distintos: 1) Uso das TIC; Processo de Orientação; Otimização do tempo via TIC; 2) Tempo do doutorado/Doutorado *sandwich*; Estratégias para a conclusão do Curso; e 3) Qualidade das teses; Produtividade acadêmica. As sete categorias de análise, subdivididas em três itens, auxiliam na compreensão de como os doutorandos que participaram da pesquisa relacionam a categoria tempo com o instrumental tecnológico disponível para fazer frente ao desafio da pesquisa, da elaboração da tese e da conclusão do seu Curso.

Neste trabalho vamos priorizar a análise dos depoimentos dos entrevistados a fim de desvelar, do seu ponto de vista, como as TIC têm sido utilizadas nas pesquisas (por meio de quais instrumentos e para qual ou quais finalidades), se as utilizam no processo de orientação e como os entrevistados se manifestam com relação ao caráter ‘facilitador’ e/ou ‘pressionador’ das TIC. Além disso, nos interessa evidenciar de que maneira esse uso pode ou não otimizar o tempo, interferindo inclusive nos prazos para a conclusão do Curso e na qualidade das teses produzidas e da própria vida/trabalho dos entrevistados.

## **2 USOS DAS TIC NA ELABORAÇÃO DA TESE: ‘UMA FACA DE DOIS GUMES’**

As análises dos dados das entrevistas com os doutorandos corroboram, em partes, as argumentações em torno do lado ‘facilitador’ das TIC para algumas tarefas, em termos de otimização do tempo de desenvolvimento do doutorado, sobretudo nos aspectos operacionais. Dos 16 entrevistados, todos fizeram referência aos ganhos que a incorporação das TIC nos processos de pesquisa e escrita possibilitam, embora alguns tenham afirmado que as suas pesquisas não demandavam muitos aportes tecnológicos, salvo para a pesquisa bibliográfica.

Alguns doutorandos consideram que utilizam as tecnologias de maneira limitada. Os entrevistados (Da14 e Do05)<sup>2</sup>, que afirmaram utilizar pouco as tecnologias, disseram que o fizeram apenas para acessar a *internet*, para pesquisa bibliográfica ou acessar o seu *e-mail*, e também usam o editor de textos para a escrita da tese. Uma das entrevistadas (Da04) afirma que o seu foco de pesquisa é mais teórico, portanto, se restringe mais à pesquisa bibliográfica do que à utilização de outros recursos que o uso das tecnologias pode proporcionar. Acrescenta ainda que para a sua pesquisa essas tecnologias não foram fundamentais, mas paradoxalmente cita vários recursos tecnológicos utilizados no desenvolvimento da sua pesquisa: “[...] *minhas ferramentas se limitam ao Skype e editores de texto e utilizo a internet. Essa ferramenta para mim não funcionou, o resumo até ajuda, a possibilidade de guardar arquivos, eu uso o Google Docs*”. A respeito dessa fala e em termos de literatura, no que se refere à incorporação das tecnologias, McLuhan (1995) afirmava que estas vão perdendo a visibilidade quanto mais se tornam familiares. Portanto à medida que são incorporadas deixamos de preocupar-nos com o seu uso e provavelmente esse é um dos fatores que pode ter motivado manifestação desse teor.

No entanto, outra entrevistada (Da11) manifesta-se diferentemente, afirmando que justamente por sua pesquisa ser teórica/documental a utilização das TIC tem sido um recurso importante: “*elas [as TIC] têm disponibilizado acho que 50% do que é a minha pesquisa. Inclusive alguns livros eu também consegui pela web. Os documentos oficiais que eu me programei para analisar, todos eu consegui tirar pela internet*”.

Alguns doutorandos – três do total de 16 – afirmaram que utilizaram as TIC para desenvolver suas pesquisas empíricas. Uma entrevistada (Da10) explicita que lançou mão da ferramenta do *Google Docs* para desencadear a sua pesquisa empírica, que envolvia um universo muito grande de sujeitos e que *não teria como administrar isso em papel*. Outra entrevistada (Da05) fez o uso das tecnologias para pesquisa bibliográfica e também utilizou o *Google Docs* para encaminhar questionários às pessoas, “*além da consulta a textos, às políticas, aos textos políticos, às legislações no site [...]*”. Um dos entrevistados (Do08) que optou por desencadear toda a sua pesquisa *online* para perceber quais relações conseguiria manter virtualmente, afirmou que “*exceto por duas ocasiões, tive que me apresentar aos coordenadores de curso. Eu*

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, a fim de manter o anonimato dos participantes, cada um recebeu um código de identificação, sendo “Da” (doutorandas) e “Do” (doutorandos), sucedido de um código numérico, ordenado de acordo com a organização dos dados, estendendo-se de 01 a 16.

*desencadeei esse primeiro processo, face-to-face. Depois, todo o desencadear da pesquisa foi online. Eu não tive contato presencial, tradicional, com os professores”.*

Uma das entrevistadas (Da16) afirma que ampliou o leque de ferramentas tecnológicas que utiliza no desenvolvimento da tese e que lançou mão de alguns recursos *online*, como o *Dropbox* e o dicionário de sinônimos, possibilita mais segurança no arquivamento e disponibilização de dados. Podemos perceber que a entrevistada relata com entusiasmo seu processo de apropriação tecnológica e a incorporação dessas ferramentas, proporcionada durante o doutorado e que as TIC foram imprescindíveis no processo.

Outra entrevistada (Da07) afirma que quando foi realizar o doutorado *sandwich*, em outro país, teve dificuldades de acesso aos materiais que precisava consultar, pois estes não estavam disponíveis *online*, embora existissem em formato digital. Era necessário que uma funcionária da universidade fizesse a busca na base de dados local e, por meio de *pen drive*, disponibilizasse os arquivos de que a doutoranda necessitava.

Pela análise dos depoimentos desses doutorandos, confirma-se a tendência de que os principais ganhos se referem à facilidade de acesso a bases de dados e leituras *online*, mas também às ferramentas de comunicação, principalmente no caso daqueles acadêmicos que não estão fisicamente próximos da universidade para contato com o orientador ou dos sujeitos de suas pesquisas, por exemplo. Nesses casos, ferramentas de comunicação, como o *Skype*, são citadas pelos entrevistados como fundamentais do ponto de vista econômico-financeiro, por dispensar uma série de viagens para orientação, além de todo o desgaste envolvido nesses deslocamentos. Em paralelo, essa economia de tempo, custos e desgaste possibilita otimizar a utilização do tempo para outras tarefas, ou mesmo para uma ampliação do número de orientações e/ou otimização das possibilidades de contato, o que também depende da disponibilidade e apropriação tecnológica do orientador.

De modo semelhante, são relatadas experiências positivas de uso das TIC, pela entrevistada Da06, quando a sua orientadora estava no pós-doutorado em outro país e também quando a própria doutoranda foi para o doutorado *sandwich*. *A gente tinha reuniões por Skype, sempre conversando e trocando e-mails e orientação por meio dos textos.*

Outra vantagem que emerge dos depoimentos dos doutorandos é a hipertextualidade; a facilidade de, ao realizar buscas ou leituras em base de dados, à

velocidade de um *clique*, acessar mais informações sobre determinados assuntos, autores ou manter contato com colegas e professores. O fato de estar acostumada com o acesso à *internet* e fazer parte do seu doutorado em outro país com acesso limitado à rede fez com que uma das entrevistadas (Da07) se referisse a períodos de mais ou menos intensidades no que diz respeito ao uso das TIC durante o processo de doutorado.

Todos os 16 entrevistados referiam-se ao acesso à *internet* para pesquisa do referencial teórico de suas teses. Cinco deles citaram ainda a utilização de dispositivos de compartilhamento de conteúdo *online* (comumente chamado de *nuvem*), no qual podem escrever uma parte de sua tese e inserir o arquivo na rede, o qual ficará acessível a partir de qualquer outro dispositivo digital/móvel – o que possibilita a continuidade do trabalho em qualquer espaço físico, desde que se disponha de acesso à *internet*. Nesse sentido, o uso da ferramenta *Dropbox* é citado por três entrevistadas como sendo fundamental para facilitar a escrita da tese e para otimizar o tempo, facilitar e enriquecer o trabalho: *eu não teria conseguido qualificar [...] se não tivesse tido esse recurso.* (Da09).

Todos os entrevistados disseram que utilizaram o recurso do *e-mail* com os professores orientadores para fins informativos ou para enviar os trabalhos. No que se refere à orientação, muitos mencionaram a orientação virtual (CHASSOT, 2006) realizada via *Skype*, no entanto a orientação presencial permanece como opção em muitos casos. Uma das entrevistadas (Da05) reconhece a possibilidade de “*guardar todas as versões da tese, de fazer recortes necessários, de reutilizar aquilo que por um momento havia sido descartado*”, porém afirma que, no seu processo de orientação, a preferência dela e da orientadora é pelos encontros presenciais que, na maioria das vezes, são agendados via *e-mail*.

Constatamos que os entrevistados que não moram/moravam na cidade onde se localiza a Universidade onde cursaram o doutorado ou os que tiveram a oportunidade de ir para o doutorado *sandwich* em outro país, utilizaram mais o recurso do *Skype* e referem-se de maneira positiva ao seu uso no processo de orientação. Um dos entrevistados (Do15) afirmou que houve modificações no processo de orientação, sobretudo quando os encontros presenciais ficam mais difíceis de ocorrer.

Sobre o envio de textos por *e-mail*, uma das entrevistadas (Da14) afirma que o trabalho foi “facilitado” pelo uso de mecanismos de revisão no próprio corpo do texto enviado *online* (o controle de alterações, que permite ao usuário aceitar ou rejeitar

modificações, bem como inserir comentários no decorrer do texto). Isso torna o processo de trocas e correções das diferentes versões da tese mais dinâmico, em relação ao processo de revisão do texto impresso em papel.

Com base nos depoimentos, podemos concluir que todos os 16 doutorandos utilizam de alguma forma as tecnologias no processo de orientação. O mínimo que os entrevistados utilizam é trocar informações por *e-mail* ou agendar encontros presenciais por meio dessa ferramenta, enquanto outros preferem utilizar recursos *online* no processo de orientação, por motivos que explicitamos anteriormente.

Quando perguntados se o uso das TIC poderia otimizar o tempo do doutorado, a maioria dos entrevistados respondeu afirmativamente. Isso evidencia-se especialmente na localização e consulta de materiais bibliográficos e/ou documentais por meio da *internet* e, em alguns casos, para encontrar obras raras na rede, obras que demandariam muito tempo ou mesmo impossíveis de encontrar em sebos e livrarias. No mesmo sentido, há um comparativo expressado pelos doutorandos do momento *pré-internet* e *pós-internet* e de como as pesquisas eram realizadas sem os recursos tecnológicos atuais: “[...] a gente já não se imagina mais sem isso [as tecnologias]”. (Da01) ou “[...] como eu já vim dessa geração [...], eu não me imagino não fazer a minha tese no computador [...]. Quando não tem computador, a gente fica se perguntando: “bom, e agora?”, [...] eu não posso trabalhar”. (Da12). A entrevistada reconhece que na verdade é possível trabalhar, mas que está tão habituada ao uso dessa tecnologia, que ela já está incorporada como uma ferramenta do trabalho.

Todos os entrevistados enfatizam as inúmeras possibilidades do uso de recursos tecnológicos para o desenvolvimento da sua pesquisa. Contudo, subjacente a alguns depoimentos, podemos inferir que existem riscos à otimização do tempo no que se refere ao uso das TIC: a possibilidade de, ao pesquisar sobre determinado conteúdo, o usuário começar a “zapear” de um link a outro, e se perder em páginas da *Web* que nada têm a ver com a motivação inicial de sua busca. Martins (2008) e Powers (2012), de diferentes perspectivas, ressaltam o excesso de conteúdos existentes na *internet*, que podem – em vez de otimizar o tempo de busca por uma informação – fazer com que o internauta *se perca*: “Você fica atordoado. Você está lendo um texto, daí você cita um autor que você nunca ouviu falar. E você lança o nome dele, e aquilo vai te lançando link, link, link [...] então, se você não tiver um cuidado aí você se perde também” (Da09).

Essa ‘faca de dois gumes’ é um aspecto que três doutorandos chamaram a atenção e está diretamente ligado, no nosso entendimento, à ideia de inclusão digital, isto é, a disponibilização dos meios e o conhecimento a respeito de que forma melhor utilizar as TIC, de acordo com as necessidades, sem cair nas armadilhas da rede.

Se em termos de usabilidade das TIC no processo de orientação, pesquisa e escrita da tese essas são questões que mais se sobressaíram na fala dos doutorandos, outros depoimentos precisam ser analisados e compreendidos no contexto das políticas de avaliação da CAPES e do produtivismo, que mencionamos anteriormente. Da mesma forma é necessário ter presente as manifestações a respeito das implicações a respeito das condições de realização da pesquisa e do envolvimento do pesquisador nessa lógica da produtividade acadêmica predominantemente quantitativa.

### **3 CHOQUE DE TEMPORALIDADES: ENTRE *CHRONOS* E *KAIRÓS***

Cada cultura tem as suas próprias impressões sobre o tempo e os valores que atribuem a ele. Por isso consideramos importante trazer à tela as concepções míticas da noção de tempo, que possibilitam conexões esclarecedoras sobre o(s) tempo(s) que vivenciamos na atual conjuntura. Recuperar brevemente a percepção do tempo e das divindades da mitologia grega pode contribuir para a reflexão sobre ‘os tempos’ e sua relação com as TIC no processo de doutorado dos entrevistados na pesquisa.

Os gregos constataram inicialmente que o tempo passava. Surge, deste modo, *Chronos* (FERRY, 2014). A passagem do tempo era perceptível a qualquer observador que atentasse para os ciclos da natureza, entre eles o dia sucedendo à noite. No entanto, além da passagem sequencial, cronológica, outra dimensão do tempo, relacionada à sua qualidade precisou ser nominada: sua intensidade. Daí a segunda divindade, *Kairós*, próxima, porém distinta. Com *Chronos* e *Kairós* ocupando-se da cronologia e da intensificação temporal, a construção arquetípica daquilo que viria a ser um dos grandes dilemas da humanidade teria sido, para os gregos, completada: a relação com o tempo (BRANDÃO, 1991; NEGRI, 2003).

Dada essa breve contextualização acerca da concepção mítica sobre o tempo para explicar a realidade, enfatizaremos, neste item, os tempos múltiplos, apressados e urgentes, por meio do segundo bloco de categorias de análise: Temporalidades em choque; Estratégias para a conclusão do Curso. Procuraremos relacionar o tempo do

doutorado à luz de *Chronos* e *Kayrós*, em relação aos outros tempos de vida dos doutorandos e analisar quais são as estratégias às quais lançam mão para concluir o Curso no tempo previsto e como se manifestam com relação às estratégias utilizadas para cumprir as exigências da CAPES. Além disso, por meio dos depoimentos, apreendemos que alguns doutorandos tiveram problemas de saúde no período do Curso, sendo que a maior parte destes, de acordo com seu próprio ponto de vista, decorrentes do próprio processo. Com isso, podemos dizer que há, no período do doutorado, um choque de temporalidades.

A maioria – 15 dos 16 entrevistados – afirma que os outros ‘tempos’, da vida profissional e pessoal, ficaram em ‘segundo plano’. A maioria deles mergulha completamente em questões relacionadas à tese, principalmente na fase de escrita, e quando ‘escapam’ do foco sentem-se culpados ou pensam que o tempo foi perdido e que poderiam estar produzindo. O tempo do Curso de doutorado e as pressões dos órgãos avaliadores e financiadores acabam fazendo prevalecer uma lógica que leva o pós-graduando a se sentir culpado caso não consiga ‘dar conta’ das exigências no tempo determinado, pois isso acarreta consequências no campo pessoal e institucional. Uma das entrevistadas (Da07) explicita que “[...] até mesmo vir para a Universidade assistir uma defesa, que tem a ver com o meu trabalho de certa forma, porque é o mesmo referencial teórico, eu penso que poderia estar trabalhando. Então acaba tomando todo o teu pensamento [...]”.

Outra entrevistada (Da02) manifesta-se da seguinte maneira com relação à lógica da produtividade: “[...] eu percebo é um aligeiramento [...] porque tem uma perspectiva da produção, ou seja, você precisa produzir, e para isso você tem que ser rápido”. Na maioria das falas dos entrevistados aparece essa preocupação com o “tempo do doutorado”<sup>3</sup>. Alguns deles afirmam que nem sempre este é compatível com o tempo de amadurecimento teórico, de aprendizagem, com o ritmo biológico e com o ritmo da vida pessoal dos doutorandos. E, nesse contexto, embora as TIC propiciem a otimização do tempo para a realização de algumas atividades, “[...] o processo do doutorado é um processo de muita paciência, de construção de conceitos, então não é a tecnologia que vai tornar o processo de doutorado mais rápido ou menos rápido [pois

---

<sup>3</sup> Nossos entrevistados afirmaram, com exceção de uma doutoranda, que a vida pessoal ficou secundarizada com relação a vida acadêmica no período de realização do curso, evidenciando ou reforçando os ‘achados’ e as reflexões de Araújo (2006 e 2007) em suas pesquisas sobre o “tempo do doutorado”.

é] *um processo de amadurecimento teórico, e ele exige idas e vindas ao mesmo lugar muitas vezes.* (Da11),

Além desse aspecto, a dificuldade de conciliar ‘tempos’ referentes à vida acadêmica e pessoal também aparece na fala dos entrevistados. No entanto, percebemos que há uma certa resignação – ou período de “ciência normal”, após a “quebra paradigmática”, nas palavras de Kuhn (2000)?! – ao que está posto e parece não haver outra saída a não ser aderir a esse movimento de encurtamento do tempo de formação e ao aumento da produtividade.

Isso tem implicações diretas sobre a qualidade das produções, as estratégias utilizadas pelos pesquisadores e mesmo sobre suas condições de saúde. Nessa temporalidade compulsória – a data limite para defesa da tese – o uso das TIC pouco pode contribuir e, em alguns casos, as ‘vantagens’ direcionam-se mais a um estado de precarização dos processos de pesquisa.

Sobre este aspecto, podemos sintetizar, pela fala dos doutorandos, que o tempo da pesquisa não é o mesmo da aprendizagem. Uma das entrevistadas (Da01) afirma: “*A maior dissonância é essa, porque eu precisava de muito mais tempo para conseguir digerir (sic) tudo o que eu estou aprendendo. [...] Então quando você vê o teu prazo acabou, [mas] você não alcançou aquilo que você esperava*”.

Essa ambiguidade entre o tempo de doutorado imposto pelas políticas advindas dos órgãos de avaliação e financiamento e o tempo dos doutorandos diz respeito não apenas à aprendizagem, mas à própria elaboração da escrita da tese. Nesse sentido, podemos afirmar, com base nas entrevistas, que no “tempo CAPES” o uso das TIC facilita, porém não o suficiente para aquilo que autores como Chauí (2003) e Moraes (2003) definem como formação. O certo é que a dicotomia entre esses tempos diversos tem consequências das mais variadas a partir das estratégias empreendidas pelos doutorandos, e cujos resultados podem, no limite, mais atentar do que contribuir para uma formação mais condizente com o nível de doutorado e à qualidade de vida dos pós-graduandos deste nível.

Assim, os doutorandos precisam também adequar o tempo de exigências da fase da tese a outros tempos, sejam eles relacionados a atividades profissionais ou à vida pessoal, uma vez que muitos, paralelamente ao curso, mantêm seus postos de trabalho, inflando as estatísticas dos trabalhadores que estudam ou, como aparece na literatura internacional, dos “doutorandos *part-time* (WATTS, 2010). Para além dessa dificuldade

de conciliação entre temporalidades, o modo como se vive o tempo do doutorado pode trazer implicações diretas sobre as condições de saúde dos pesquisadores, como aparece na manifestação de quatro entrevistados, sobretudo no que se refere aos aspectos emocionais e psicossomáticos. Em suma, as exigências da PG levam os pesquisadores, em alguns casos, a uma situação de doença, física e emocional, pela captura do tempo livre ou por questões ergonômicas e ergológicas (SCHUARTZ, 2005) pelo uso excessivo de tecnologias para estudo, pesquisa e elaboração da tese. Nada mais degradante no tocante à apropriação do tempo dos pesquisadores, e que vem na contramão de uma ideia de formação humana omnilateral, no sentido do que argumenta Marx (2010): sem tempo livre, o homem seria rebaixado à categoria de uma simples máquina, fisicamente destruída e espiritualmente degradada.

Nesse contexto, em que a lógica fabril invade a lógica acadêmica pela necessidade imposta pelo padrão CAPES de produtividade, mesmo entre os doutorandos que consideram adequado o tempo de duração do doutorado vê-se que, por vezes, o tempo parece não ser tão adequado assim, fazendo-os abrir mão da qualidade premidos pela pressa de concluir a tese: “[...] *para fazer o meu estado da arte da pesquisa, eu comecei a ler algumas [teses], selecionei algumas assim: ‘essa daqui dá uma curiosidade para ler na íntegra’, mas não tem aquele tempo todo para ler na íntegra. Então eu pegava algumas partes da tese para ler*” (Da11).

A dicotomia expressa nesse depoimento, entre o tempo não ser suficiente e a estratégia para torná-lo adequado, revela, de outro modo, que o uso das TIC pode otimizar o tempo em algumas etapas da pesquisa, em um contexto de pressão cronológica e de produtivismo acadêmico fato que pode levar a certas práticas cada vez mais questionáveis no meio acadêmico, como é o caso do plágio e do autoplágio, bem como de coautorias forjadas.

Percebemos, pelo teor das falas dos/as depoentes, uma preocupação com a temporalidade no sentido de cumprimento dos prazos, e não na temporalidade de concretização da pesquisa. Nesse caso, os pedidos de prorrogação dos prazos de defesa da tese<sup>4</sup> têm, ao mesmo tempo, conotações positivas e negativas: positivas no sentido de possibilitar um pouco mais de tempo para aprimorar a tese; por outro lado, isso conta negativamente para a avaliação do Programa e, em última instância, para o próprio doutorando em relação aos demais.

---

<sup>4</sup> Dos/as 16 doutorandos/as entrevistados/as cinco fizeram uso dessa opção.

Os doutorandos afirmam também aperceberem-se às voltas com uma espécie de enigma da esfinge – “decifra-me ou te devoro!” –, numa lógica de competitividade e individualidade que acossa os pesquisadores na PG: *“Ou você produz algo assim, raso, ou você demora mais tempo do que os outros, então é uma escolha bem, bem difícil”* (Da01). Da parte de alguns entrevistados há a percepção de que a pressão a que estão sujeitos tem a ver com algo mais amplo, isto é, com a própria lógica do sistema hegemônico.

Por fim, com base nas análises das falas dos entrevistados, percebemos que a revolução impulsionada pelos usos das TIC resulta em um duplo efeito: por um lado, aumenta a relevância do fator humano nos processos de produção e de serviços e, por outro, eleva a vulnerabilidade das pessoas submetidas aos efeitos colaterais indesejáveis das inovações tecnológicas decorrentes da intensificação do trabalho e do alargamento da jornada de trabalho, seja referente aos docentes ou aos doutorandos inseridos em um PPG.

#### **4 QUALIDADE DAS TESES E PRODUTIVIDADE ACADÊMICA**

Nesse item enfatizamos como os doutorandos se referem à qualidade das teses nesse tempo cada vez mais restrito e indutor da produtividade acadêmica. Percebemos que os doutorandos dizem que houve uma mudança no significado que a produção de uma tese tinha em tempos anteriores e aquele atribuído nesse momento histórico, procurando apreender a atual situação de fazer um doutorado em menos tempo e de construir-se doutores em condições nem sempre favoráveis.

Especificamente sobre o tempo para produção de uma tese e a qualidade desta, uma das entrevistadas relata que *“[...] estão cada vez mais compartimentadas, mas faz parte do próprio processo, cada vez você se aprofunda mais em algum fator. Tem gente que diz que são migalhas, poeiras e pedacinhos de mosaicos, mas eu acredito que é o próprio processo da ciência hoje”* (Da16). Percebemos que há uma lógica de adaptação (KUHN, 2000) a uma nova maneira de fazer pesquisa tanto no que se refere à concordância em relação ao tempo limitado quanto com o recorte da temática. A este respeito, uma das participantes da pesquisa afirma que *“[...] é uma tendência que existe no mundo a cada vez mais produzir mais em menos tempo. Não só da CAPES, mas do mundo do trabalho”* (Da04).

Essa exigência por produção em menos tempo pode interferir, empobrecendo o processo de pesquisa e análise. Por sua vez, as penalidades para os PPG referentes ao não cumprimento do prazo de defesa em quatro anos para cada doutorando, provocam uma pressão sob estes no sentido de ficarem divididos entre ‘prejudicar o Programa’ ou ‘prejudicar a qualidade da tese’.

Por outro lado, um dos entrevistados afirma que a qualidade das teses depende de vários elementos que condicionam o desenvolvimento da pesquisa (Do15). Alguns afirmaram que a qualidade das teses não está relacionada somente com o tempo delimitado para a sua conclusão. Uma das depoentes (Da14) compara as teses de décadas anteriores com as que são desenvolvidas nos dias de hoje, afirmando que muitas dissertações produzidas nas décadas de 1980 e 1990 (em que o mestrado era realizado em um tempo maior) apresentavam qualidade superior às teses produzidas atualmente.

De outro participante da pesquisa ouvimos um depoimento que compara aquilo que ele lê com o seu próprio processo de elaboração: *“os trabalhos que eu vi são trabalhos feitos com qualidade, [...] suponho que gastaram muita energia para serem feitos. Eu não consigo conceber que as pessoas saem escrevendo um monte de coisas, eu sofro para escrever [...] para produzir uma página, duas”* (Do08). Ainda sobre o processo de escrita da tese e o cumprimento do prazo uma das entrevistadas afirmou: *“tenho que concluir agora a tese, é doído, como qualquer coisa, dói escrever, ainda mais com prazo”* (Da13).

Além das exigências de cumprimento de prazos umas das entrevistadas (Da02) relata que a dinâmica do doutorado demanda outras questões que vão para além do desenvolvimento da tese e frequência às disciplinas, como a participação em grupos de pesquisa, congressos e a necessidade de publicar em revistas bem avaliadas pela CAPES (*Qualis*). Por sua vez, a qualidade das publicações foi objeto de análise de uma das nossas entrevistadas, que ponderou que as revistas de maior qualidade aceitam publicações apenas de doutores ou doutorandos com seus orientadores, o que dificulta a possibilidade de publicação. Por sua vez, *“a qualidade dos eventos atualmente, até em função da exigência da CAPES de publicação e apresentação, também eu acho que já estão um pouquinho questionáveis. Porque publica-se de tudo, aceita-se de tudo [...]. Virou algo produtivista, mecânico, os artigos são publicados sem muita análise”* (Da07).

Nesse sentido, Duarte Jr. (2010) denomina essa desenfreada proliferação de *papers* em todas as áreas de “papéis podres” (*rotten papers*). No que se refere aos eventos, que também foram citados anteriormente por nossa entrevistada, Salles (2010) alerta para os riscos de sua proliferação resultar na falta de aprofundamento das discussões nas apresentações dos pesquisadores resultando no que denomina de ‘turismo de eventos’ (SALLES, 2010). Na mesma direção Waters (2006, p. 42) também faz críticas dizendo que “o que conta é o produto e não sua recepção, não seu uso humano”.

O “requeentamento” de publicações (KUENZER e MORAES, 2005) e a falta de análise nas produções também é citada por outra entrevistada: “*Essa lógica de publicação que faz com que muita coisa seja repetida ou de muitos autores que não fizeram e que só estão assinando. Então é uma lógica medíocre mesmo da academia, que a gente acaba entrando, tendo que, sei lá, engolir*” (Da06).

A redução do tempo em nome de uma produtividade, certamente está mais relacionado a *rankings*, a classificações, à economia de recursos do que com o processo formativo. O tempo do doutorado combinaria mais com um tempo de intensidades e que não deveria ser limitado ao tempo cronológico. Conforme um depoente, “[...] *nós podemos estar escondendo determinados tipos de interesse e criando um bando de doutores que não ‘ruminaram’, que não puderam, de fato, trabalhar com mais intensidade as pesquisas*” (Do08).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos depoimentos que nos foram fornecidos pelos entrevistados possibilita-nos fazer algumas constatações acerca do sentido que atribuem às TIC nos processos subjacentes ao tempo de doutorado. Primeiramente, convergem ao manifestarem-se a respeito de que a disseminação das TIC está propiciando muitas facilidades, com inegáveis contribuições, sobretudo no plano operacional, de acesso a bibliografias e comunicação com o orientador, o que otimiza o uso do tempo. Por outro lado, explicitam o quanto essas estratégias calcadas nas TIC tornam possível a invasão do espaço-tempo dos envolvidos com a PG, quando essas conquistas (avanços tecnológicos para a diminuição do trabalho vivo) deveriam proporcionar melhorias na vida das pessoas.

Ainda que as TIC tenham sido apresentadas e defendidas como possibilidades objetivas de otimizar o tempo de pesquisa e que apareçam dessa forma nas políticas educacionais para, entre outros, justificar a possibilidade de encurtamento dos cursos de PG, até onde é possível depreender das falas dos entrevistados as temporalidades na PG pouco têm sido alteradas em função do uso das TIC, pois há outras temporalidades – de vida/trabalho - essencialmente humanas que as TIC, neste momento, não podem contornar.

Ao sinalizar essas questões, ressaltamos o potencial técnico disponível e, em paralelo, as condições de apropriação/inclusão tecnológica e, principalmente, sua utilização para acelerar o tempo e contribuir para que as pessoas sejam sobrecarregadas com mais atividades a cumprir. E esse processo paradoxal faz com que, na dinâmica da PG, as pessoas sejam obrigadas a construir estratégias que, analisadas do ponto de vista pessoal, garantem a sobrevivência de si, a sua inserção no Programa, e uma boa avaliação para o Curso. Mas, de outra parte, podem também provocar situações que permitem que se levante questionamentos sobre a qualidade das produções dos envolvidos com a PG, bem como as decorrências para sua própria vida, para além da ambiência universitária.

Esse contexto no qual se encontram os pesquisadores, envolvendo disponibilização e apropriação tecnológica, intensificação do tempo e cultura da produtividade e/ou necessidade do produtivismo, contudo, pode ser explicado – embora não aceito de todo! - pelas políticas indutoras dos órgãos de regulação e fomento da PG, ao incorporar a lógica neoliberal do modo de produzir<sup>5</sup> nos processos de pesquisa acadêmica. Nesse contexto, a mediação das TIC têm servido, por pressuposto, muito mais para amenizar os tensionamentos oriundos da pressão por produtividade e intensificação do tempo, com usos predominantemente operacionais pelos pesquisadores, do que para a construção omnilateral dos envolvidos com a PG.

Por fim, constatamos que mesmo havendo manifestações contrárias à pressão por produtividade e controle do tempo de conclusão do Curso, a capacidade de resistência é suprimida e aquilo que foi sendo construído passa a ser concebido como normal ou natural no processo do doutorado. Seria algo próximo àquilo que Kuhn (2000), como enfatizamos, denominou de período de “ciência normal”. Podemos dizer que os futuros

---

<sup>5</sup> Produção de um particular capitalismo que adentrou a universidade: o chamado “capitalismo acadêmico”, conforme análise de Slaughter e Rhoades (2004).

doutores se habituem a essa nova indução no que diz respeito à diminuição do tempo de formação e aumento da produtividade, independentemente da qualidade da formação e dos ‘produtos’ elaborados e publicizados.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Orgs.). *Infoproletários*. Degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, E. R. *O doutoramento*. A odisseia de uma fase de vida. Lisboa: Colibri, 2006.

ARAÚJO, E. R. O doutoramento, a estrutura da investigação e a gestão do tempo. In: ARAÚJO, E.; BENTO, S. *Como fazer um doutoramento?* Desafios às universidades, práticas pessoais e organização dos tempos. Porto: Edições Edicopy, 2007, p. 177-200.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIANCHETTI, L. *Da chave de fenda ao laptop*. Tecnologia digital, novas qualificações e desafios à educação. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

BRANDÃO, J. *Mitologia grega. Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. Vols. I e II.

CHASSOT, A. I. Orientação virtual: uma nova realidade. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. *A bússola do escrever*. Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo e Florianópolis: Cortez e Editora da UFSC, 2006.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista brasileira de educação*. Rio de Janeiro: ANPEd, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

DUARTE Jr., J. F. The rotten papers (ou adiós que yo me voy). In: DUARTE Jr. J.F. *A montanha e o videogame*. Escritos sobre educação. Campinas, SP: Papirus, 2010.

FERRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos*. Aprender a viver II. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HARVEY, D. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2012.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KUENZER, A. Z.; MORAES, M. C. M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1363, set./dez. 2005.

MARTINS, F. M. *Impressões Digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 10 ed., São Paulo: Cultrix, 1995.

MORAES, M. C. M et al. (Orgs.). *Formação de professores*. Perspectivas educacionais e curriculares. Porto: Porto Editora, 2003.

NEGRI, A. *Kairòs, alma vênus, multitudo*. Nove lições ensinadas a mim mesmo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

POWERS, W. *O BlackBerry de Hamlet*. São Paulo: Alaúde, 2012.

SALLES, J. C. Notas sobre a filosofia no Brasil. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro, a. 13, v. 151, p. 71-74, 2010.

SCHWARTZ, Y. *Trabalho e saúde: construindo outros modelos de gestão*. Florianópolis: Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2005.

SGUISSARDI, V.; SILVA Jr., J. dos R. *Trabalho intensificado nas federais*. Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. *Academic Capitalism and the New Economy: Markets, State and Higher Education*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2011, vol.16, n.48 [cited 2013-04-04], pp. 769-792. Acesso em 10 de dez. de 2014.

WATERS, L. *Inimigos da esperança*. Publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

WATTS, J. H. Supervising par-time doctoral students. Issues and challenges. In: THOMSON, P; WALKER, M. (Orgs). *The Routledge Doctoral Supervisor's Companion*. Supporting effective research in Education and Social Sciences. Oxon, UK: Routledge, 2010.